

A IDENTIDADE MARANHENSE: um estudo da escrita na *Web*

Clecio Marques dos Santos

Flávia Regina Neves da Silva

RESUMO: Este artigo focaliza, de maneira concisa, as particularidades da escrita digital como um fenômeno inerente à língua, uma vez que trata de um elemento dinâmico: a variação linguística. Nessa perspectiva, esse estudo desenvolve-se embasado nos pressupostos teóricos da Sociolinguística, destacando-se, dentre outros teóricos, as concepções de Calvet, o qual assevera que as variações não são uma deformidade da língua, mas o registro da diversidade da linguagem de um povo. A metodologia é de base qualitativa e empregará como princípio de coleta de dados a construção de um corpus, constituído de imagens e comentários de internautas coletados na página da rede social Facebook - Indiretas Ludovicenses. Pela linguagem empregada nos textos capturados na página da rede social escolhida, é possível apreender os sentidos da cultura do usuário da língua na web, visando ao resgate e à valorização dos usos e costumes regionais do povo maranhense.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Escrita na *Web*. *Facebook*.

ABSTRACT: This article focuses, in a concise manner, the peculiarities of digital writing as a phenomenon inherent in the language, since it is a dynamic element: linguistic variation. In this perspective, this study develops grounded in theoretical principles of sociolinguistics, emphasizing, among other authors, conceptions of Calvet, which asserts that the variations are not a tongue deformity, but the record of the linguistic diversity of the people. The methodology is based on qualitative and will employ as principle of data collecting the building of a corpus consisting of pictures and comments from netizens listed on the page Indiretas Ludovicenses in the social network Facebook. Through the language used in the texts that were captured from the chosen social network page, you can understand the meanings of the culture of language user on the web, searching for redemption and recovery of regional customs and uses from the people of Maranhão.

KEYWORDS: Identity. Writing on the Web. Facebook.

Introdução

O presente trabalho aborda o discurso enquanto interação social responsável pela construção da identidade de um povo dentro do contexto das redes sociais na internet. As marcas discursivas típicas do discurso de cada comunidade refletem as influências culturais, sociais e históricas a que determinado povo foi submetido. Dessa forma, a prática discursiva está impregnada de toda a bagagem sociocultural que a linguagem tanto na sua realização oral quanto escrita carrega consigo.

Esta pesquisa apresenta algumas variações pertencentes ao léxico maranhense, visando ao reconhecimento por partes dos próprios falantes e, concomitantemente, uma valorização da cultura local através da linguagem. É pela linguagem que o homem se reconhece humano e, segundo Heidegger (1997, p.17), “a linguagem é a casa do ser”, isto é, a linguagem reflete o contexto sociocultural do indivíduo.

Como metodologia de trabalho, fez-se uso da pesquisa bibliográfica, com o objetivo de fundamentar o estudo proposto. Dentre os teóricos selecionados destacam-se: Bagno (2010), Bauman (2001), Bakhtin (1984), Calvet (2013), Stuart Hall (2001), Vieira Filho (1979). Realizou-se, igualmente, a pesquisa de campo, cujo lócus foi a rede social *Facebook*, mais especificamente, a *fanpage Indiretas Ludovicenses*. Foi construído um *corpus* composto por imagens e comentários os quais contivessem expressões típicas do falar maranhense. Esse *corpus* foi analisado a luz da teoria da Sociolinguística.

O trabalho está organizado em três tópicos. O primeiro refere-se à construção de uma identidade social através do discurso, trata, igualmente, a relevância do discurso no processo de formação identitária de um povo, bem como suas implicações na cadeia de interação social das comunidades linguísticas no espaço cibernético.

O segundo tópico intitulado “Variável Linguística: a língua em evolução” considerará a língua como sendo um processo dinâmico sujeito a transformações e mudanças, que é marcado pela adaptação dela ao meio social em que os falantes estão inseridos.

O terceiro tópico “Indiretas Ludovicenses: reflexo do falar maranhense na escrita digital” apresenta os resultados da pesquisa sobre falar maranhense na sua realização escrita dentro do contexto da rede social *Facebook*. Esses resultados permitem a outros usuários da língua portuguesa tenham acesso às peculiaridades do português brasileiro na variante do estado do Maranhão.

1 A construção de uma identidade social através do discurso

As conjeturas acerca de identidade se modificaram ao longo do tempo. As definições, ao que concerne este termo, estão atreladas ao modo de se conceber sujeito. Segundo Stuart Hall (2001), há três modos de conceituar identidade. O primeiro refere-se ao Sujeito do Iluminismo, o qual é visto como um indivíduo centrado, racional, unificado, consciente.

Nessa visão, a identidade de sujeito surge desde o seu nascimento, desenvolvendo-se no decorrer da vida, permanecendo inexorável ao longo de sua existência.

O segundo modo diz respeito ao Sujeito Sociológico. É notório que o indivíduo não é autossuficiente, nem independente do contexto em que é inserido. Neste momento, a identidade não é constituída somente no íntimo do sujeito, todavia, no diálogo entre o “eu” e a sociedade. Quanto ao terceiro modo de conceituar a identidade, que se refere ao Sujeito Pós-moderno, pode-se afirmar que não possui caráter fixo, permanente e essencial. Trata-se de uma identidade móvel, que é definida historicamente e não biologicamente, ou seja, o indivíduo passa a ter diversas identidades em si, empregando-as de acordo com os sistemas culturais que o rodeiam.

O discurso enquanto interação social é parte responsável pela construção da identidade de um povo. Para Fabrício & Moita Lopes (2004, p. 17), “há uma relação estreita entre nossas práticas discursivas (...) e o processo de construção identitária”, pois o discurso é capaz de revelar muito sobre o indivíduo que o produz. Porém, torna-se indispensável entender que tal construção identitária é um processo que está sempre sujeito a modificações.

Bauman (2001, p.98) afirma que

Em vista da volatilidade e instabilidade intrínsecas de todas ou quase todas as identidades, é a capacidade de ‘ir às compras’ no supermercado das identidades, o grau de liberdade genuína ou supostamente genuína de selecionar a própria identidade e de mantê-la enquanto desejado, que se torna o verdadeiro caminho para a realização das fantasias da identidade. Com essa capacidade somos livres para fazer e desfazer identidades à vontade.

Desse modo, entende-se que a identidade é um elemento construído ao longo do tempo e que sempre está em contínuo desenvolvimento. Essa constante mudança presente na identidade social ocorre porque cada indivíduo, ao construir seu discurso, sempre poderá se apropriar voluntária ou involuntariamente do discurso do outro, acrescido dos seus valores culturais, pois, conforme assevera Bakhtin (1984, p. 280), “cada enunciado é dirigido para uma resposta e não pode escapar da profunda influência do enunciado que ele antecipa como resposta”.

Além do exposto, percebe-se que, atualmente, a mídia digital tem contribuído significativamente para a fortificação e equiparação de determinadas identidades nos últimos

anos, em especial, as redes sociais. Verificou-se isso através da repetição de algumas performances identitárias durante as práticas discursivas realizadas em páginas da internet. Tais performances possibilitam a legitimação de certas identidades em detrimento de outras num caráter momentâneo, situacional e dinâmico.

Observa-se também que a linguagem empregada nas redes sociais, por meio de comentários e bate-papos, pode ser um elemento constitutivo da identidade do indivíduo e da sua comunidade. Para Guisan (2009, p. 18), “(...) a língua do outro terá uma função primordial na delimitação do domínio da língua já que é considerada como elemento de identidade coletiva”. Como interação humana, a língua tem caráter flexível, ou seja, é marcada pela mobilidade dos diferentes usos.

2 Variável linguística: a língua em evolução

A língua tem como qualidade peculiar a sua dinamicidade. Ao longo do tempo, transforma-se, uma vez que, por influência de seu usuário, termos novos são anexados a ela, de modo inverso, há palavras que deixam de ser usadas, isto é, as línguas naturais sofrem por processos de construção e reconstrução, a fim de satisfazer às necessidades comunicativas do falante.

Ademais, é notório o elo entre língua e sociedade, ambas estão intrinsecamente relacionadas, influenciando-se. Os indivíduos de uma sociedade possuem funções específicas que são denominadas de papéis sociais. Conforme Bortoni-Ricardo (2004, p. 23), os papéis sociais “[...] são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais [...] são construídos no próprio processo de interação humana”, sendo que esses papéis sociais são estabelecidos através da linguagem.

Uma vez que os sujeitos desempenham papéis sociais diversos, em diferentes espaços, ele utiliza sua linguagem, adaptando-se a cada ambiente, empregando uma das características da linguagem: a adaptação. Desse modo, não há como estudar a sociedade sem refletir sobre as relações que há entre os indivíduos e a linguagem. Por tal razão, é possível relacionar a heterogeneidade linguística à heterogeneidade social. Uma língua é heterogênea, porque segundo Alkmim (2001, p. 33) “qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações”.

Ao que concerne à variação linguística, Calvet (2013, p. 91) assevera que “temos pois variável linguística quando duas formas diferentes permitem dizer ‘a mesma coisa’, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles mantêm têm uma função outra, estilística ou social”, isto é, a língua possibilita ao falante dizer algo de diversos modos, possuindo o mesmo caráter de verdade. A variação linguística é resultado do estado de permanente transformação, de fluidez, de alternância da língua.

Essas variações ocorrem nos níveis da língua. Daí haver: variação fonético-fonológica, variação morfológica, variação sintática, variação semântica, variação lexical, variação estilístico-pragmática. Todavia, a classificação da variação linguística, segundo a Sociolinguística, pode ser:

Variação diatópica: é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes. [...] O adjetivo DIATÓPICO provém do grego DIÁ-, que significa “através de”, e de TÓPOS, “lugar”.

Variação diastrática: é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais. O adjetivo provém de DIÁ - e o do latim STRATUM, “camada, estrato”.

Variação diamésica: é a que se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita. Na análise dessa variação é fundamental o conceito de gênero textual. O adjetivo provém de DIÁ- e do grego MÉSOS, “meio”, n.o sentido “meio de comunicação”.

Variação diafásica: é a variação estilística, isto é, o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o monitoramento que ele faz do seu comportamento verbal. O adjetivo provém de DIÁ- e do grego PHÁSIS, “expressão, modo de falar”. (BAGNO, 2010, p. 46-47).

Além disso, as variações linguísticas estão diretamente relacionadas a fatores extralinguísticos: origem geográfica – resulta na variação diatópica; *status* socioeconômico - os usuários da língua que possuem um nível de renda muito baixo não se comunicam do mesmo modo que os de renda média ou alta, e vice-versa. Há, igualmente, o fator grau de escolarização - o acesso maior ou menor à educação formal é uma premissa básica para a configuração dos diferentes usos linguísticos. A idade, também, é relevante. Por exemplo, adolescentes não falam da mesma maneira que seus pais. Em relação ao sexo, homens e mulheres fazem usos diferenciados de recursos que a língua fornece.

É importante frisar que os usos linguísticos nas redes sociais influenciam cada indivíduo, fazendo-o adotar comportamentos semelhantes ao de outras pessoas. Essas

afinidades são percebidas através da língua escrita, evidenciando suas particularidades, haja vista que

Nesse tipo de interação, interlocutores estão em contato por um canal eletrônico, o computador. Eles sentem-se falando, mas, pelas especificidades do meio que os põe em contato, são obrigados a escrever suas mensagens, ou seja, interação, construindo um texto "falado" por escrito. (HILGERT, 2000, p.1).

Por tal razão, a escrita na *Web* reflete as diversas variações linguísticas, pois é notório o modo dinâmico como o interlocutor usa a língua. Na internet, percebe-se um universo rico em lexis que demonstram a variação diatópica, isto é, há no ciberespaço termos que evidenciam a linguagem própria de uma determinada região.

Além disso, há nas redes sociais uma linguagem de caráter informal, o que a aproxima da linguagem falada, por conseguinte, apresenta características próprias, tais como: cumprimentos informais e alongamentos vocálicos com funções paralinguísticas. Por exemplo, *oieee, hummm, heinnn*. Percebe-se que, embora seja escrita, a conversação na *WEB* pode ser considerada como fala, uma vez que possui aspectos dialogais. Entretanto, ressalta-se que a linguagem em redes sociais não deve ser confundida com um texto falado prototípico, por não ter realização fônica.

3 Indiretas ludovicenses: reflexo do falar maranhense na escrita digital

Neste tópico do artigo, apresenta-se a análise do falar maranhense na escrita digital. Para a realização da análise, foi construído um *corpus* formado por 4 imagens e 4 comentários feitos por usuários da *fanpage*, também conhecida como Página de fãs, uma página específica do *Facebook* denominada *Indiretas Ludovicenses*. Segundo Leandro Lustosa (2012), em seu artigo na *Web* intitulado “*O que é uma Fanpage?*”, descreve *fanpage* como uma página direcionada para empresas, marcas ou produtos, associações, sindicatos, autônomos, ou seja, qualquer organização com ou sem fins lucrativos que desejem interagir com os seus clientes no *Facebook*¹.

A “*Indiretas Ludovicenses*”², uma página da *Web* que é considerada um espaço onde os internautas têm a oportunidade de visualizar o léxico tipicamente maranhense. Esse léxico,

¹ Disponível em < <http://www.aldabra.com.br/artigo/redes-sociais/o-que-e-uma-fanpage>>

² Disponível em < <https://www.facebook.com/PraSempreChorao?fref=ts> >

entendido aqui como “o conjunto das palavras de uma língua que estão à disposição dos falantes” (PICOCHÉ, 1977, p.44), não se trata somente de uma variação linguística; pode-se asseverar que é uma marca identitária de um povo – o maranhense.

Destaca-se que a escolha das imagens e dos comentários presentes nesta pesquisa ocorreu de forma aleatória. Porém, durante o processo de seleção teve-se o cuidado de escolher apenas as imagens e comentários que contivessem em seu conteúdo a temática abordada pelos autores – o uso de expressões típicas maranhenses.

As imagens e os comentários foram identificados como figuras e receberam uma numeração cardinal em ordem crescente. A análise foi realizada em dupla, conforme discriminação a seguir: figuras 1 e 2; figuras 3 e 4; figuras 5 e 6; figuras 7 e 8.

Inicia-se a análise do *corpus* pelas figuras 1 e 2.

Figura 1: Página do Facebook – Indiretas Ludovicenses



Figura 2: comentário de um usuário exibido na página Indiretas Ludovicenses

Na Figura 1, encontram-se duas expressões: *esparrosa* e ÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉGUUUUUAAASS!. Na Figura 2, destacam-se as seguintes expressões: *Égua doido*, *nãm* e *peste*. Essas expressões integram o vocabulário do povo maranhense, embora se reconheça que algumas delas, como *esparrosa* e *peste*, já se encontram “com as honras de cidadania na língua portuguesa do Brasil” (VIEIRA FILHO, p.9). No caso de ÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉGUUUUUAAASS! e *nãm*, pode-se afirmar que são típicas do linguajar corrente do maranhense e não há como evitá-las ou até mesmo substituí-las por uma forma mais erudita, sem que seu sentido seja alterado. Além disso, a repetição das letras em maiúsculo no termo ÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉGUUUUUAAASS! indica euforia e/ou surpresa.

Nas Figuras 3 e 4, encontram-se os seguintes termos que caracterizam a fala maranhense: *qualira* e *qualirage*, *xei*.



Figura 3: Página do Facebook

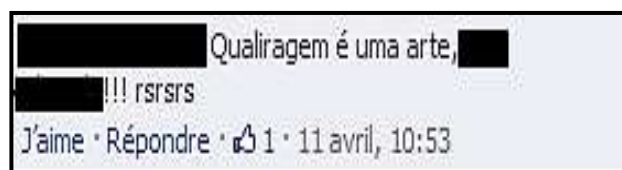


Figura 4: comentário de um usuário expondo sua opinião sobre o referido termo – *qualhiragem*.

As duas expressões (*qualira* e *qualiragem*) são consideradas marcas de uma linguagem típica, carregadas de valores semântico e cultural. Segundo Vieira Filho (1979), o termo *qualhira* é utilizado no Maranhão para se referir a homossexual masculino e o termo *qualhiragem* está relacionado às atitudes, os trejeitos, o comportamento daqueles que são considerados qualhiras (homossexual masculino).

Convém ressaltar que na escrita digital os dois termos encontram-se grafados conforme a fala maranhense: o fonema palatal nasal /lh/ é transformado no fonema oral /l/, isto é, ocorre o processo de despalatalização, em que *qualhira* > *qualira* e *qualhiragem* > *qualirage*. Esse fenômeno linguístico é muito “comum no Nordeste brasileiro, na Índia (Korlai), no malaio-português e em Macau e, certamente, provém de dialetos lusitanos [...]” (VIARO, 2011, p.179).

No termo *qualhiragem* > *qualirage*, além da despalatalização, ocorrem outros fenômenos linguísticos, a saber: a supressão (apócope) do fonema nasal /y/, representado pelo /m/; a desnasalização da vogal /e/ e a conseqüente eliminação do ditongo nasal /ẽy/. Logo, tem-se: *qualhiragem* > *qualirage*Ø.

O termo *xei* (cheio), além da supressão da vogal final /o/, revela o fenômeno linguístico denominado por Cagliari (1997) de *transcrição fonética*, caracterizada por uma tentativa de o usuário da língua transcrever a própria fala, ou seja, “os fonemas são representados pela escrita das letras que compõem a palavra. É um fenômeno que tem se evidenciado com regularidade na escrita desenvolvida no ciberespaço” (SANTOS, 2006, p.198).

Dando continuidade à análise do *corpus* da pesquisa, têm-se as Figuras 5 e 6. Nelas, encontram-se as expressões: *nigrinhagem*, *ÉÉlas!* e *Éguas doído*.



Figura 5: imagem retirada da página do Facebook Indiretas Ludovicenses



Figura 6: comentário exibido na página do Facebook Indiretas Ludovicenses

A expressão *nigrinhagem* (Figura 5), conforme Vieira Filho (1979), tem o significado de *safadeza, práticas de atos imprudentes*. Quanto ao termo *ÉÉlas!*, pode-se dizer que se assemelha semanticamente ao vocábulo *ééguas!*, uma expressão muito empregada na fala maranhense para expressar sentimento que denota surpresa, espanto. O mesmo acontece com a expressão *Éguas doido*. Os maranhenses, principalmente a geração mais idosa, ainda emprega essa expressão quando se depara com uma situação que causa espanto, surpresa.

Como último par da análise do corpus da pesquisa, têm-se as Figuras 7 e 8.



Figura 7: Página do Facebook

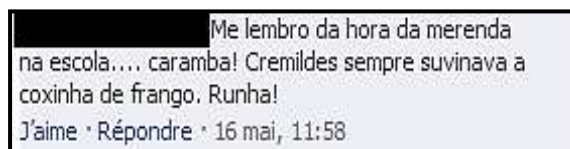


Figura 8: comentário exibido na página do Facebook Indiretas Ludovicenses

Nessas Figuras, destacam-se as seguintes expressões: *suvina*, *pedacin*, *orra mermã*, *mar té pidona*, *tilembra*, *poquin*, *suvinava*. Esses termos são utilizados pela página da Web como proposta de representação da oralidade através da escrita, contudo eles se constituem marcas identitárias do falar maranhense.

A expressão *orra mermã* tem o valor de uma interjeição e está significando uma admiração ou espanto. Corresponde ao enunciado *Porra, minha irmã!* Nesse enunciado, o primeiro vocábulo teve seu sentido negativo amenizado por meio da aférese, um processo linguístico que consiste na supressão de um fonema inicial, no caso em questão, da consoante /p/, por ser considerado uma palavra chula. Já o termo *mermã* sofreu, na fala maranhense, o processo de aglutinação de fonemas, que acontece quando os elementos característicos da palavra estão intrinsecamente unidos, subordinando-se a um só acento tônico, sofrendo perda da sua integridade silábica. Dessa forma, nota-se que *minha irmã* > *mermã*.

Em *mar té pidona*, que corresponde ao enunciado *mas tu és pidona*, também se encontra o processo de aglutinação. Na fala maranhense, o TU e ÉS se aglutinam em TÉ, visto que nesse caso a flexão verbal não condiz com o pronome da segunda pessoa do discurso. No caso de *mar*, que é o *mas*, a fala assemelha-se ao processo ocorrido na palavra *hasta*, por exemplo, da língua espanhola, em que há a aspiração do fonema /s/, isto é, *hasta > harta*.

Em seguida, destaca-se o termo *pedacin*, o qual sofre o fenômeno de despalatização (*pedacinho > pedacin*), com a supressão de parte da sílaba final, pelo fenômeno da apócope. Já a palavra *poquin* apresenta dois processos: a despalatização (*pouquinho > poquin*), como ocorrido com a palavra *pedacin*; e a monotongação do ditongo /ow/ em /o/. Daí **pou**quinho > *poquin*.

Em relação ao termo *pidona*, *pode-se dizer* que se trata de uma forma lexical arcaica, tipicamente utilizada por pessoas idosas ou aquelas que não têm muito contato com os centros urbanos.

As palavras *sovina* e *sovinava* assumem, no linguajar maranhense, o significado de avareza, egoísmo. Cabe salientar que o uso recorrente de tais expressões pode ser considerado uma maneira de reafirmação da identidade cultural do povo maranhense. Vale salientar que as palavras dicionarizadas são *sovina*, *sovinava*. Entretanto, no *corpus* tais palavras são grafadas com /u/, representando, assim, a fala maranhense.

Considerações finais

Diante do que foi exposto no decorrer desta pesquisa, compreende-se que a linguagem é parte fundamental na composição identitária de um povo, pois ela está diretamente ligada ao contexto sociocultural, o que permite a realização de estudos linguísticos voltados para a análise das variações dela procedentes dela. Desse modo, entende-se que a linguagem é um campo de pesquisa que sempre poderá ser explorado satisfatoriamente, haja vista que se trata de um objeto de estudo o qual está em constante mudança e, ademais, possui peculiaridades de acordo com a região.

Com base nesta pesquisa, pode-se afirmar que a página da *WEB* “Indiretas Ludovicenses” expõe em seu conteúdo a identidade do maranhense, por meio de

representações do seu falar típico. Através dessa página no *Facebook*, é possível que pessoas de outros estados tenham acesso ao léxico inerente à linguagem maranhense, fazendo com que seja disseminada a cultura local, contribuindo, assim, de maneira precípua, para uma valorização cultural por parte daqueles que estão inseridos em seu contexto.

A identidade, para o sujeito pós- moderno, está sempre em um processo de construção, uma vez que o indivíduo está suscetível a influências do contexto no qual está inserido. Ademais, entende-se que as marcas identitárias de um povo são perceptíveis por meio de sua linguagem. Assim sendo, a página do *Facebook- Indiretas Ludovicenses* possibilita perceber vocábulos tipicamente maranhenses, os quais não devem ser vistos apenas como uma variação linguística que foge à norma prescritiva, mas também, e principalmente, como um modo de comunicação empregado pelos falantes maranhenses que reflete a sua identidade, seus costumes, sua cultura.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1997.

CALVET, Louis Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2013.

FABRÍCIO, B. F & MOITA LOPES, L. P. **Discursos e Vertigens: Identidades em xeque em narrativas contemporâneas**. In: Veredas – Revista de Estudos Lingüísticos, v. 6, n. 2, 2004.

GUISAN, Pierre François Georges. **Língua: a ambigüidade do conceito** (2009). Em: SAVEDRA, Mônica Barreto, SALGADO Ana Claudia Peters (orgs). **A Sociolinguística no**

Brasil; uma contribuição dos estudos sobre línguas em /de contato. Rio de Janeiro: 7 Letras / FAPERJ.

HALL, Stuart. **A identidade em questão: A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o Humanismo.** Trad. revista de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 1998.

HILGERT, José Gaston. **A construção do texto "falado" por escrito: a conversação na internet.** Disponível em http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Doutorado/Letras/Publicacoes/gastonte xto01.pdf. Acessado em 08. Set.2013.

VIEIRA FILHO, Domingos. **A linguagem popular do Maranhão.** São Luís: Gráfica Olímpica, 1979.

WHITE, A. (1984) Bakhtin, Sociolinguistics and Deconstruction. In: Gloversmith, F. (ed.) **The Theory of Reading.** Sussex: Harvester.

SANTOS, Veraluce Lima dos. **A Influência das Tecnologias de Informação e de Comunicação no uso da Língua e suas Implicações no Ensino de Língua Portuguesa.** Évora, 2006 Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Évora-Portugal.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia.** São Paulo: Contexto, 2011.